

JUVENTUDE LGBTQ+ E SUICÍDIO: ANÁLISES E POSSÍVEIS IMBRICAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR

Francisco Kelverton Rodrigues da Silva¹

RESUMO

Este artigo trata-se de um recorte da monografia defendida no ano de 2019, no curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Ceará (UFC). Lança um olhar sobre as questões do suicídio e a juventude LGBTQ+ que está inserida no território da escola. Utiliza-se como referencial teórico metodológico, Durkheim (1973), Teixeira (2001), Silva (2018), além de documentos oficiais e demais pesquisas na área de análise deste artigo. Constatou-se que o fenômeno suicídio contém um viés social que incide no espaço escolar, nas relações que se estabelecem nesse ambiente e que recaem de maneira incisiva na população estudantil LGBTQ+, exigindo assim que a escola como uma instituição hegemônica, juntamente a toda a sociedade promova ações que previnam e possam resguardar de fato as vidas e corpos LGBTQ+.

Palavras-chave: Juventude, Suicídio, Escola, LGBTQ+.

INTRODUÇÃO

Para que se compreenda a concepção de suicídio e a conexão desse fenômeno, associado a juventude LGBTQ+ na escola, é necessário que se faça um breve apanhado histórico e também alguns apontamentos reflexivos sobre a temática.

O século XIX é marcado na história como um período de transformações intensas, especialmente no contexto social, econômico e político. Fatores como a urbanização, industrialização, a concretização da produção capitalista com a exploração da classe proletária e problemáticas sociais tais como “alcoolicismo, prostituição, miséria”, atravessam este período. Diante de tal conjuntura observamos o interesse de estudiosos sobre a temática do suicídio, visualizado como um fenômeno que merece uma específica atenção (GIDDENS, 2005 *apud* VARES, 2017).

Nesse sentido, Émile Durkheim, sociólogo francês que viveu entre a metade do século XIX e a primeira metade do século XX (1858 – 1917) foi um teórico que, dentre outros temas, se dedicou em examinar o suicídio. O entusiasmo de Durkheim sobre o tema advinha de uma vontade investigativa de refletir o fenômeno sob a ótica sociológica, trazendo suposições que

¹ Pós-Graduando do Curso de Gestão, Coordenação e Supervisão Educacional, da Faculdade PLUS, fkilverton.rodrigues@gmail.com;

estariam agora conectadas a sociedade. Dessa forma, a perspectiva sociológica do estudioso para com o suicídio se encaminha no pensamento de que não há ação isolada do sujeito, mas sim fatores externos que influenciam o feito.

A obra **O Suicídio** (1897/1973) que fundamenta esta discussão, e comentada, debatida por muitos pesquisadores, é hoje uma das principais referências para os/as teóricos/as da área, sendo aceita como um importante dispositivo de investigações para as Ciências Humanas.

Durkheim, portanto, define o fenômeno suicídio como: “Chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente, de um ato positivo ou negativo, executado pela própria vítima e que ela sabia que deveria produzir esse resultado.” (DURKHEIM, 1973, p. 11).

Para Durkheim, os aspectos sociais tendo a prerrogativa apenas na esfera individual, não teria a força para determinar o fenômeno do suicídio. Essa manifestação, segundo o teórico, transborda quando olhada por uma perspectiva macro. O suicídio é por sua vez, uma consequência de um conjunto de fatores sociais que na potência coletiva, transpassa e impele os sujeitos (DURKHEIM, 1973).

Por conseguinte, o suicídio nos últimos tempos tem sido objeto incessante de investigações, seja sobre suas causas e/ou prevenções, que recaem em múltiplos espaços, instituições e setores da sociedade. Dito isso, o presente trabalho tem por premissa refletir sobre a presença do fenômeno suicídio na escola, bem como, analisar possíveis associações entre as temáticas de gênero, sexualidade e suicídio, realizando conexões com a escola.

Neste contexto, destacaremos a escola como um espaço complexo e repleto de questões a serem problematizadas. A presença do suicídio nesse espaço, revela-se então como um tópico a ser debatido, pois, é de suma importância compreender a manifestação deste fenômeno no território escolar, sobretudo quando recai em um grupo historicamente marginalizado, como é o caso de sujeitos LGBTQ+.

Além de que, estamos nos referindo a crianças e adolescentes no ambiente da escola, são indivíduos que passam por processos de desenvolvimento humano que requerem atenção e cuidado, em decorrência das inúmeras transformações que ocorrem neste período. Contudo, nos deteremos, apenas, a manifestação do fenômeno na escola de nível médio, que é o alvo principal das reflexões aqui expostas.

Visões hegemônicas provocam julgamentos deturpados acerca do suicídio, gerando um imenso tabu em torno do assunto, das quais são embargadas por vieses da sociedade que vive um modelo de vida dito como “ideal”, carregando em suas concepções sobre o suicídio

as suas cosmovisões religiosas, morais e culturais, da qual decreta o suicídio como um grande “pecado” contra a vida.

Sendo assim, a escola como muitas outras instituições hegemônicas da sociedade evita a abordagem do assunto por receio, vergonha, medo. Não evidenciando a gravidade da problemática do suicídio, e das consequências que reverberam na vida dos/das jovens.

Logo, precisam ser notáveis as posturas e práticas que venham abrigar um conjunto de esforços para ações preventivas humanizadoras, que auxiliem em aspectos que estão em decurso na vida do adolescente, seja na escola ou fora dela. Pautas como as de questões de gênero, sexualidade, conflitos familiares, drogas e dentre outras, esbarram quando o debate é o suicídio e desse modo todas essas questões devem ser de fato recebidas com responsabilidade e acolhimento pela sociedade, pelas políticas públicas e em destaque pela instituição escolar.

SUICÍDIO, JUVENTUDE E ESCOLA

Numa intenção de melhor encaminhar a discussão acerca do suicídio na escola, é importante que tenhamos em vista, dados estatísticos que demonstram o crescimento e a presença desse fenômeno no interior da escola, e como tem se ampliado nos últimos tempos.

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostram que o suicídio tem causado em torno de 800.000 mortes por ano. No Brasil a maior incidência de suicídio está entre a faixa etária de 15 a 29 anos, segundo amostras do Ministério da Saúde.

O Brasil, desde os meados da década 1960 tem colocado em pauta políticas públicas de controle e neutralidade de mortes causadas por doenças infecciosas e parasitárias, porém, o país vem sofrendo em contrapartida um aumento constante nas mortes por razões externas, como o suicídio. Esse fenômeno na contemporaneidade e em especial no Brasil ocupa o terceiro lugar no ranking, quando verificada a causa de mortes de jovens entre 15 a 29 anos, ficando atrás, respectivamente apenas, dos homicídios e dos acidentes de trânsito (MACHADO; SANTOS, 2015).

Segundo as últimas pesquisas realizadas pelo Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), do Departamento de Informática e Informação do Sistema Único de Saúde (DATASUS), divulgado em 2015, o Brasil apresentou, no período compreendido entre 2000 e 2012, um total de 112.103 mortes por suicídio (ALMEIDA, 2018 *apud* FRAGA; MASSUQUETI; GODOY, 2015).

Desta forma, podemos inferir que as pesquisas por mais competentes que sejam, ainda demarcam margens não contadas, pois, os números de suicídios no país podem ser ainda maiores, em vista que muitas pessoas acabam por omitir ou inventar outras causas para o falecimento de seus entes queridos, justamente pelo estigma social que esse tipo de morte possui no seio de nossa sociedade (ALMEIDA, 2018).

Podemos observar de forma abrangente que nossas escolas em sua maioria não estão preparadas para acolher e tratar situações que comportam ideações suicidas ou casos já consumados a posteriori. Este cenário torna a escola um espaço vulnerável, já que os educadores/as, gestores/as, a sociedade como um todo, manifesta uma lacuna com relação ao trato com questões de cunho sócio psicológico.

O ato de reconhecer a problemática do suicídio na escola, levando o assunto com seriedade, constitui um passo indispensável para se começar a pensar em prevenção das tentativas e da consumação do suicídio. A escola, como um lugar que está diretamente interligada ao universo dos/as adolescentes poderá como instituição, acolher e encaminhar adequadamente esse/a estudante aos órgãos e pessoas competentes. Visto que:

Aqueles que fazem parte do universo dos adolescentes, forçadamente, encontram-se em uma posição-chave, na medida em que, vivendo tão próximos a eles, podem desempenhar um papel fundamental em suas vidas, através de ações de prevenção cujo êxito dependerá não só da capacidade de reconhecer sinais de alerta, mas também de responder, adequadamente, aos seus apelos nesta fase em que têm suas certezas abaladas e suas referências enfraquecidas (TEIXEIRA, 2001, p. 2).

Como tal complexidade que o suicídio demonstra ter, é importante que a escola por vias de políticas públicas, porte esforços compondo de diversos profissionais em suas especialidades distintas, afim de que o trato dado a esse assunto e a outros que dialogam com o tema, seja olhado de forma coerente e responsável. Um olhar interdisciplinar é fundamental para um melhor atendimento desse educando na escola, pois “o suicídio é considerado um fenômeno complexo, multifacetado, necessitando esforços coordenados de vários sectores, unidos através de uma correta metodologia de intervenção, tanto quanto possível objetiva” (SAMPAIO, 1999, p. 31).

Desta forma, a comunidade escolar, assim também a sociedade, tem de evidenciar os mecanismos que levam os/as jovens a interromperem suas vidas, como exprime Teixeira (2001, p. 3):

Não basta afirmar que um jovem buscou sair da vida porque estava deprimido ou porque brigou com os pais ou, ainda, porque é usuário de drogas. Importa mergulhar no entendimento da cadeia de relações em que a vontade de cometer o ato, às vezes

fatal, pode ser percebida como um sintoma – comunicação que encontrará seu sentido na vida relacional do sujeito.

Como sinaliza Célia Maria Ferreira da Silva Teixeira, ao confrontar a manifestação do suicídio, o trabalho de proteção para os/as estudantes e o papel dos educadores/as:

A escola pode integrar programas de prevenção ao suicídio, através da identificação dos fatores de risco, estabelecendo linhas que estimulem a autoestima dos adolescentes e criando espaços de conversão para os mesmos, sobre a fase da adolescência. Dar oportunidade a eles de entender o processo pelo qual passam, estimulá-los a tomar decisões e a se sentirem capazes de lidar com seus próprios problemas são tarefas de todos os educadores (TEIXEIRA, 2001, p. 12).

Nesta circunstância a escola pode funcionar como ferramenta estratégica na promoção de práticas preventivas e de proteção para os/as alunos/as, tendo a visão de que a escola é o espaço onde são reproduzidos condicionamentos diversos, como também modelos de comportamentos e relacionamentos, que podem colocar em perigo a subjetividade e a saúde de inúmeros adolescentes, em especial aqueles/as que tomam posturas e experimentam outras vivências que desviam dos padrões socialmente constituídos.

Nesse sentido, apesar da escola continuar reproduzindo diferentes formas de violência, ela pode agora também ser vista como local “privilegiado” para identificação precoce de situações problemáticas, pois aspectos veiculados a família, amigos, relacionamentos, autoestima, identidade, *gênero e sexualidade* são deveras importantes na fase da adolescência.

Precisamos evidenciar também, que após tantos estudos, discussões, em torno do fenômeno suicídio nas escolas, muitas instituições mesmo em suas limitações e através de políticas públicas começaram a construir narrativas de programas que possam viabilizar uma proteção e prevenção aos educandos/as. Essas transformações não se dão apenas no contexto da organização escolar, mas nos conteúdos programáticos, nas práticas pedagógicas, e sobretudo na concepção de educação.

Até bem pouco tempo, o aprendizado do conteúdo programático era o único valor que importava e interessava na avaliação escolar. Hoje é preciso dar destaque à escola como um ambiente no qual as relações interpessoais são fundamentais para o crescimento dos jovens, contribuindo para educá-los para a vida adulta por meio de estímulos que ultrapassam as avaliações acadêmicas tradicionais (testes e provas). Para que haja um amadurecimento adequado, os jovens necessitam que profundas transformações ocorram em ambiente escolar e familiar. Essas mudanças devem redefinir papéis, funções e expectativas de todas as partes envolvidas no contexto educacional (SILVA, 2010, p. 63).

Sendo assim, os aspectos coletivos precisam ser analisados e debatidos, dado que nas interações que se estabelecem no interior e exterior a escola, demandam inúmeros comportamentos e múltiplos outros tipos de manifestações. Como já dito, a escola é um local

de reprodução de toda uma estrutura social, e tendo em vista esse sistema, podemos agora ver esse espaço como lugar de profundas transformações, e tais mudanças requerem esforços de toda a comunidade escolar, sociedade e políticas públicas.

Temos o trabalho de Brandalise e Perez (2017, p. 3) colaboram com as estatísticas já mencionadas e acrescentam outras situações:

40% foi a taxa de crescimento de casos de suicídio no Brasil em 10 anos na faixa de 10 a 14 anos; 33,5% Foi o aumento do índice entre adolescentes de 15 a 19 anos; 434 Tentativas de suicídio, em média, acontecem por dia no Brasil; 2 Jovens brasileiros até 18 anos tiram a vida, em média, por dia no mundo o que dizem as pesquisas; 7,3% De todas as mortes de jovens são decorrentes de suicídio, atrás somente de acidentes de trânsito e à frente do número de mortes por Aids; 90% Das pessoas de 15 a 24 anos que se matam têm algum problema mental ou de comportamento, como depressão ou ansiedade; 4 Em cada 5 jovens que tentam se suicidar dão sinais claros do que pretendem fazer (BRANDALISE; PEREZ; 2017, p. 3).

É preciso mencionar também o trabalho de “pósvenção” quando ocorre o suicídio de maneira concreta na escola ou fora dela. É indispensável que seja adotado um protocolo que consiga elaborar ações de escuta e compressão visando abranger toda a comunidade escolar, pois quando episódios como esse acontecem, todos/as ao redor podem ser atingidos de menor a maior grau. Assim, são necessários trabalhos, como rodas de conversa conduzidas por profissionais da área, palestras, oficinas, como também, atenção na cotidianidade da escola, nas práticas pedagógicas e nas relações sociais.

Nesse sentido, falar sobre suicídio é importante, indispensável e urgente, a desconstrução emergencial de concepções que podem atentar contra a vida de tantas pessoas deve ser encarada como trabalho para agora, tendo perspectivas futuras. Tal como, o trato do fenômeno suicídio deve ser sempre encarado com sensatez e empatia.

SUJEITOS LGBTQ+ E O FENÔMENO SUICÍDIO NA ESCOLA

Vimos ao longo do texto propondo reflexões e demonstrando dados estatísticos acerca das condições de existência da população jovem na escola, bem como as consequências e relações que coexistem com o fenômeno do suicídio. Para tanto, como fator crucial deste trabalho, farei um recorte nesta população jovem na escola, demonstrando como a juventude LGBTQ+ estudantil carece de cuidado e de uma análise específica quanto as suas condições e necessidades pessoais e coletivas.

Para que façamos conexões seguras com o fenômeno suicídio e sujeitos LGBTQs, nos atentemos para as pesquisas nacionais e internacionais que pontuam a existência de ligações entre tais temáticas, que desencadeiam a manifestação do fenômeno já referido.

Dessa forma, a discriminação para com LGBTs e o imenso tabu em torno da manifestação do suicídio, alavanca de maneira exponencial a negação, medo e a indiferença em tratar essa questão com a seriedade que merece. Isto porque, dentre tantos fatores que podem levar ao suicídio, encontra-se pertinente a construção hegemônica em torno de identidades de gênero e sexuais. Visualizando essa problemática como uma questão complexa e apoiado nas concepções de Durkheim (1973), é proposto uma análise das quais as temáticas de gênero, sexualidade e suicídio se cruzam.

Teixeira; Rondini; (2012) desenvolveram uma pesquisa que tinha como objetivo encontrar possíveis conexões entre as questões de gênero, sexualidade, homofobia e suicídio. O trabalho intitulado como: *Ideações e Tentativas de Suicídio em Adolescentes com Práticas Sexuais Hétero e Homoeróticas*, apresenta-se com o objetivo de compreender as possíveis conexões com as categorias de gênero, orientação sexual e as ideações/tentativas de suicídio, em três municípios do interior do Estado de São Paulo. Tendo como embasamento para os estudos, teorias e pesquisas internacionais aprofundadas na temática, os pesquisadores evidenciam especificamente a problemática da homofobia.

Teixeira; Rondini; (2012) apud Cardoso (2003), desconstroem as artimanhas do “heterossexismo”, entendendo que essa matriz não consegue e não pode existir como parâmetro de “verdades” para todas as outras questões. O heterossexismo, segundo os discursos que povoam as práticas sociais, não podem ser indagadas e tampouco atingida, pois a norma requer a todo instante um pensamento de obviedade e naturalidade, da qual a ordem heteronormativa assegura todos os dispositivos econômicos, políticos, culturais e sociais.

Desta forma, a pesquisa percorre em análises e reflexões sobre os processos que ditam a ordem e os **dispositivos** de controle das identidades de gênero e sexuais que estão alinhadas as ideias de Foucault (1987). A pesquisa nos leva a compreender que a homofobia é um aparelho de controle de corpos e mentes, que se utiliza do **estigma** para difundir olhares e atitudes violentas para sujeitos não “héteros cis”. Teixeira; Rondini; (2012).

Portanto, o trabalho destes pesquisadores/as, tende a questionar as consequências da homofobia, lesbofobia, transfobia pela população LGBTQ+ tendo o indivíduo assumido ou não uma identidade para si. Dentre tantas consequências dessas opressões, a pesquisa enfatiza e problematiza a manifestação do suicídio.

O estudo revela que entre 2.256 (98, 8%) dos entrevistados/as, 484 estudantes afirmaram ter pensado em suicidar-se, o que demonstra uma prevalência de 21, 5%, de forma a não se atentar neste momento para a orientação sexual e identidade de gênero dos/das respondentes. A respeito das tentativas de suicídio, o percentual é de 99,0% dos sujeitos. A

constância de pensamentos suicidas entre jovens heterossexuais foi de 20,7%, comparado com os não heterossexuais cis a prevalência foi de 38,6%. Desta forma, apresenta-se em dados que os sujeitos não heterossexuais e cis têm uma inclinação maior a cogitar o suicídio (TEIXEIRA; RONDINI; 2012).

Os pesquisadores/a ressaltam ainda os contextos que podem abarcar neste percurso da manifestação do suicídio:

O suicídio em adolescentes não heterossexuais está acompanhado de certa desesperança e negação interna da sexualidade, que costumam ser reforçadas pela sociedade heteronormativa em que vivemos (Oliveira, 1998). Tal pressão social vem, portanto, acentuar um estado de melancolia no sujeito, que dificultará que ele faça o luto da heterossexualidade, que é um passo fundamental para a construção de uma identidade sexual na qual a pessoa se reconheça e se sinta autorizada a expressar seus desejos, ainda que o contexto em que viva não seja propício (TEIXEIRA; RONDINI; 2012, pág.661).

Sendo assim os espaços onde os/as LGBTQ+ estão inseridos, em especial a escola demanda processos que envolvem circunstâncias diversas para que essa população consiga se ver segura e acolhida. Pois, nota-se que a cada espaço, as identidades sexuais e de gênero são percebidas e imbuídas de sentido diferente.

Por este ângulo, o que se averigua, é que esses/as adolescentes estão sobretudo na escola, e que existe uma indiferença acompanhada de um despreparo para o trato com esses corpos, assim também, nas abordagens de temáticas como gênero, sexualidade e suicídio. A escola, como instituição reprodutora de estruturas normativas e recheada de tabus, não se percebe com a responsabilidade para atender, compreender e acolher tais sujeitos.

A consequência dessa postura é o adoecimento do corpo e da mente. Desta maneira, os autores/a afirmam: “a saúde sexual é concomitante à saúde mental, como os dados das pesquisas apresentadas puderam revelar.” (TEIXEIRA; RONDINI; 2012).

Buscando outras pesquisas, estudos que estivessem alinhados nessa área, foi possível encontrar dados que possibilitam indispensáveis reflexões a respeito das questões de gênero, sexualidade e suicídio de sujeitos LGBTQ+. Dados revelam numa estimativa de que 42 homossexuais tiraram as suas próprias vidas em 2017 no Brasil. A conta é do site “Quem a homofobia matou hoje?”. Trata-se de um banco de dados virtual vinculado à associação de defesa dos direitos LGBTQ+ - Grupo Gay da Bahia, que tem servido de base para um estudo acadêmico sobre o tema, liderado pelo antropólogo e doutor da Universidade Estadual de São Paulo, Renan Antônio da Silva.

Um outro levantamento do mesmo grupo diz que em 2015, 3% dos homens homossexuais e 5% dos bissexuais já tentaram cometer suicídio. Na mesma plataforma foi verificado que 0,4% da população masculina geral brasileira, onde em cada 16 homossexuais

com idades entre 16 e 24 anos, já tentou tirar a própria vida alguma vez, quanto homens heterossexuais da mesma idade se verificou um percentual de 1% (SILVA 2018).

De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), o suicídio entre pessoas transexuais e travestis é de 4 a 10 vezes maior do que a população em geral a depender da faixa etária. A associação ainda traz um estudo apontando que aproximadamente 40% das pessoas transexuais já tentaram suicídio pelo menos uma vez. Outra pesquisa conduzida pela Associação Americana de Psiquiatria, conclui que 41% dos adolescentes transgêneros já tentaram suicídio, contra 14% dos adolescentes em geral.

No exterior há pesquisas bastante avançadas nessa área, da qual podemos analisar com mais precisão. Segundo uma pesquisa feita em 2012 publicada pela Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, que na época, entrevistaram 32 mil jovens anônimos com idades entre 13 e 17 anos, se chegou à conclusão de que adolescentes gays, lésbicas, bissexuais e transexuais estão cinco vezes mais propensos a tentar o suicídio, em comparação com os heterossexuais cis da mesma faixa etária. Ainda segundo o estudo, o ambiente também influencia as taxas: quanto mais receptivo os lugares (família, escola, espaços sociais), menores os números. Em uma outra pesquisa realizada e publicada na revista científica “Pediatrics” em 2011, mostrou que gays, lésbicas e bissexuais tinham seis vezes mais chance de tirar a própria vida, em relação a heterossexuais (21,5% contra 4,2%).

O mesmo público, ainda de acordo com a pesquisa, tinha risco 20% maior de cometer suicídio, quando estando a conviver em ambientes hostis à sua orientação sexual, na comparação com ambientes menos conservadores. Sempre importante lembrar sobretudo, que neste trabalho enfatiza o espaço escolar, como lugar em destaque das relações, das práticas homofóbicas, transfóbicas, que invisibilizam e subalternizam a população LGBTQ+.

Perante a todos esses dados, uma concepção precisa ser destacada com relação ao suicídio de pessoas LGBTQ+:

(...) No Brasil, não é exata a obtenção de números absolutos sobre essas ocorrências, pois os registros de óbitos não apresentam nos dados de notificação os itens orientação sexual, nome social e identidade de gênero. Consequentemente, inexistente a possibilidade de realizar o levantamento de óbitos de pessoas não heterossexuais e, além disso, mulheres trans e travestis são registradas como homens em suas declarações de óbito, enquanto homens transexuais são registrados como mulheres (BAERÉ; CONCEIÇÃO; 2018, pág. 76).

Assim, podemos sinalizar que todas as amostras registradas até aqui não podem dar conta de toda a problemática que envolve o suicídio e a população jovem e estudantil LGBTQ+, pois, existem especificidades em se tratando das identidades de gênero, como também, múltiplas demandas distintas em relação às sexualidades não normativas. Este texto

até aqui, sinaliza para a gravidade do problema e não assume como centralizador de todos os dados, análises, motivações e necessidades que esta comunidade requer.

Portanto, como já viemos discutindo ao longo desta reflexão, a escola necessita apropriar-se da função de ser um espaço que teça práticas preventivas e que gere proteção. Destaco, porém, a existência de algumas políticas educacionais e documentos oficiais que já mencionam discussões em torno das temáticas trazidas até aqui, que posteriormente em um outro trabalho, poderemos melhor se deter.

Entretanto, a realidade do chão da escola se difere drasticamente do que pode estar sendo posto em papel e nos discursos. Pois, vemos e sentimos que existem estruturas sociais que vão para muito além do que é pensado e feito por especialistas das mais variadas áreas.

Para tanto, reinventar o espaço da escola com um senso de realidade e esperança, aliado a um comprometimento social e político por parte de todos os atores que fazem a instituição escolar, talvez seja um caminho para transformar esse ambiente, criando territórios, falas e performances de resistência.

BREVES CONSIDERAÇÕES

A problemática do suicídio com sua historicidade, tipologias, dados estatísticos e os atravessamentos sociais, foram aqui trazidos para chamar atenção acerca das imbricadas e complexas relações, a saber: gênero, sexualidade e juventudes LGBTQ+ inseridos no espaço escolar.

Tais cruzamentos precisam ser emergencial pesquisadas, analisadas e discutidas, verificando que podem existir uma relação entre essas temáticas e que há um imenso desafio para que de fato algo possa ser feito para inibir que mais sujeitos venham a ser subalternizados e que uma assistência eficaz seja lhes oferecidos.

Diante da invisibilidade de alunas e alunos LGBTQ+, promovida direta e indiretamente pela escola, apontamos que tal ambiente se torna desconfortável quando esses/essas estudantes não se moldam por prerrogativas e desejos que alicerçam a norma heterossexual. A esses sujeitos na escola, restam processos de resistência e luta por respeito e dignidade, na perspectiva de superar ações que violentam sistematicamente suas existências.

Por fim, este trabalho sustenta na necessidade de que a escola possa ser um lugar onde a vida seja discutida em sua totalidade. Relações, desejos, forma de ser, querer, agir, pensar, e estar no mundo. Considerando assim, através de discursos, atividades, narrativas e

perspectivas, o reconhecimento e a valorização das diferenças sexuais, sociais e culturais, uma vez que todo modo de ser e viver é legítimo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. M. O suicídio: contribuições de Émile durkheim e Karl Marx para a compreensão desse fenômeno na contemporaneidade. **Aurora**, v.11, n. 1, Jan./Jun, 2018.

BRANDALISE, C.; PEREZ, F. A tragédia do suicídio juvenil. **Istoé Independente**, São Paulo, n. 2471, 20 abr. 2017. Disponível em: <http://istoe.com.br/tragedia-suicidio-juvenil/>. Acesso em: 23 abr. 2019.

BAÉRE, Felipe de; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. Análise da produção discursiva de notícias sobre o suicídio de LGBTs em um jornal impresso do Distrito Federal. **Revista Ártemis**, vol. XXV nº 1; jan-jun, 2018.

CARDOSO, F. N. **Filhos & Dildos**: Subvertendo a ordem moral (Intervenção na Conferência Plenária LGBT do Fórum Social Europeu 2003: “A luta de lésbicas, gays, trans e bis, reivindicar o direito às suas identidades: por uma outra globalização livre da ordem moral e do determinismo de gênero”). Paris: 2003. Disponível em: <http://portugalgay.pt/politica/safo04.asp>. Acesso em: 25 jun. 2019.

CASTRO, Gabriel de Arruda. **Por que a taxa de suicídio entre os transexuais é tão elevada**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/suicidio-transexuais/>. Acesso em: 05 de junho de 2021.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. Lisboa/São Paulo: Editorial Presença/Martins Fontes, 1973.

GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

GAROFALO, R. et al. **The Association between health risk behaviors and sexual orientation among a school-based sample of adolescents**. *Pediatrics*, Elk Grove Village, Illinois, US, v. 101, p. 895-902, 1998.

KEITH, Lierre. Patriarchy vs. Planet Earth: **Or, it's the end of the world as we know it and I Don't Fell Fine**. Virtual e-book, 2012. Disponível em:

http://patmitchell.com/download/patriarchy-vc-planet_earth.pdf. Acesso em: 19 set. 2019.

MACHADO, Daiane Borges; SANTOS, Darci Neves dos. Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 64, nº1, 2015.

MARUCO, Fábila de Oliveira Rodrigues; RAMPAZZO, Lino. **O suicídio no contexto escolar: o complexo e emergente fenômeno através do bullying e dos desdobramentos do jogo virtual baleia azul**. In: Congresso Internacional Salesiano de Educação, 3, Lorena, SP. 2017.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Prevención del suicidio:** un imperativo global. Washington, DC: Organización Panamericana de la Salud, 2014.

SAMPAIO, D. **Ninguém morre sozinho:** o adolescente e o suicídio. Lisboa: Caminho, 1999.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying:** mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TEIXEIRA, Célia Maria Ferreira da Silva. A escola como espaço de prevenção ao suicídio de adolescentes: relato de experiência. **Rev. Inter-ação**, Goiânia, v. 37, n.1, 2001.

TEIXEIRA FILHO, F. S.; MARRETTO, C. A. R. Ideações e Tentativas de Suicídio em Adolescentes com Práticas Sexuais Hetero e Homoeróticas. **Saúde Soc.**, São Paulo, v.21, n.3. 2012.

VARES, S. F. **O problema do suicídio em Émile Durkheim.** Revista do Instituto de Ciências Humanas – vol. 13, nº 18, 2017.